

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão 26 de Maio de 2010

*Texto de referência: «Può un uomo nascere di nuovo quando è vecchio?»,
Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação (Rimini 2010),
Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milão 2010.*

□ Canto “Al mattino”

□ Canto “Give Me Jesus”

Quero contar um facto que me aconteceu. Começo por fazer esta premissa: os últimos anos vivi-os com uma grande dificuldade por causa de uma situação que aconteceu no trabalho e que, após trinta anos, me levou à decisão de deixar, de sair. Naturalmente que agora estou, portanto, a viver a situação de ter que procurar um novo trabalho, que neste momento e com quase cinquenta anos de idade, não é coisa fácil; no entanto, o meu problema não são as circunstâncias, mas como eu as vivi, porque em todo este tempo deixei que a minha vida ficasse um sufoco e perdi inclusivamente o gosto de viver. Na lição de sexta-feira dos Exercícios na página 8 dizes: “Se não houver uma mudança no modo de perceber, de ajuizar a realidade, quer dizer que a raiz do eu não foi investida por nenhuma novidade, que o acontecimento cristão ficou no exterior do eu”, A semana passada houve um encontro com o padre Aldo; quando contou um drama que viveu, eu senti a coisa como análoga ao que eu estava a viver: eu tinha o escândalo desta falta do gosto de viver; apesar de ser do Movimento, rodeado pela graça de uma data de gente que me quer bem, não conseguia sequer perdoar a mim mesmo este escândalo nem a confessá-lo abertamente até ao fim mesmo aos amigos mais caros. A uma dada altura o padre Aldo disse: “Eu mudei quando, depois de tantos anos em que até pedia para morrer, comecei a olhar para mim mesmo não como me olhava eu, mas como me olha Deus”. Eu já tinha ouvido outras vezes o padre Aldo, inclusivamente este ano, mas saía sempre dos encontros a dizer: “Ele é um santo, mas eu não”, mas desta vez saí e disse cá para comigo: “Se é possível a ele, porque não a mim?”. De facto, ele tinha tocado a raiz do meu ser e eu fiz experiência de me sentir libertado porque ele na prática me virou do avesso, mas não me destruiu, mas o meu moralismo e o escândalo que tinha pelo meu pecado, tanto assim que a primeira coisa que, no dia seguinte, foi, ao acordar, dizer à minha mulher: “A relação entre ti e mim deve recomeçar aprendendo a olhar-nos como nos olha Deus”.

Parece-me que todos perceberam o alcance daquilo que diz. Este é um exemplo – e agradeço-o – do que significa a palavra trabalho de que passamos a vida a falar; porque nós podemos estar aqui anos e anos, como ele, numa pertença cordial – nenhuma objecção –, mas sem tomar como hipótese aquilo que nos oferecemos todas as vezes: olhar para nós como Deus nos olha. E por isso, tantas vezes, queixamo-nos de que a raiz do eu não muda, de que nada muda; estamos ali à espera que aconteça alguma coisa (cada um pode imaginar a coisa segundo a própria sensibilidade: sentimental, mais ou menos impactante). Pelo contrário, aqui impressiona-me o reconhecer que aquilo que lhe fez realmente companhia foi este juízo do padre Aldo; e não é que tenha falado pessoalmente com ele ou o tenha abraçado: simplesmente, ouvindo contar aquilo que tinha mudado o padre Aldo, também ele começou a olhar para si como Deus o olhava,

levou a sério a hipótese em que não paramos de insistir: aquele “antes” que entrou na história com o acontecimento cristão. E isto é decisivo. Porquê? Porque nós tantas vezes ficamos impressionados pelas pessoas – isto é um passo decisivo! -, vemos testemunhas; mas a diferença é que ele nesta ocasião percebeu o caminho a fazer! O que é que tantas vezes dizemos? “O padre Aldo é uma testemunha extraordinária, fora do vulgar, ele é fantástico, e não sou nada”. E depois de ter sentido o impacto desta sua grandeza eu vou para casa com o meu nada, sem que possa sequer imaginar, ter uma migalha, um mínimo lampejo sobre o caminho a trilhar para o alcançar: ele continua a ser um gigante e eu continuo a ser um anão. Pelo contrário, o que me impressionou imediatamente no Movimento foi precisamente isto: eu já tinha encontrado personalidades grandes, mas eles eram gigantes e eu um anão, e não sabia como chegar até eles, enquanto que *don* Giussani a nós dá-nos um caminho. O cristianismo propõe um caminho: começa a olhar para ti como Deus olha para ti. Logo que me dei conta disso, senti-me livre. Mas uma pessoa pode estar aqui anos a fio chegando todas as quartas-feiras devotamente – por amor de Deus -, como quem vai a Roma em estilo “tapete rolante” porque o Movimento decidiu ir a Roma, porque vamos todos, sem sequer fazer um percurso, sem sequer deixar-se desafiar pela razão, e isto não deixa entrar nenhuma novidade. Isto é decisivo porque, como dissemos nos Exercícios, este conteúdo só se torna meu através da minha liberdade, quando eu começo a levar a sério aquela hipótese, aquela proposta que me é feita ouvindo alguém como o padre Aldo: começar a olhar para mim como Deus olha. E de repente percebo aquela mudança que não imaginava como podia acontecer. Este é o desafio que todos temos por diante, porque de outro modo é como se o movimento cristão não tocasse, como dizia ele, a raiz do eu; podemos participar em tantas coisas, que às vezes nos impressionam emotivamente, mas não tocam a raiz do eu. Desta vez nele foi tocada a raiz do eu porque começou a fazer um caminho, porque percebeu que a questão não era a imponência da personalidade da testemunha, mas que alguém lhe fazia entrever o caminho a percorrer; sem isto não penetramos na crosta e podemos participar em tantas coisas, mas voltamos para casa olhando para nós próprios como antes; e uma pessoa, a uma dada altura, cansa-se. O que é que isto nos diz? Bastou um minuto de sequela para ver o efeito. Quem – seja qual for a situação, seja qual for a dificuldade que atravessa, seja qual for a circunstância negra em que se encontra, o estado psicológico em que se encontra, quando está mesmo, mesmo em baixo -, quem de nós aqui presentes o dos que nos ouvem, quem de nós pode dizer que não é preciso mais do que uma migalha de liberdade para uma pessoa começar a olhar para si como Deus a olha? Basta dar espaço – dizíamos nos Exercícios – a este olhar; não são precisas especiais dotações, circunstâncias, energias; é simplesmente esta decisão da liberdade de uma pessoa deixar-se olhar assim. É este o trabalho. É complicado? Até as crianças o fazem: deixar-se olhar pela mãe, deixar entrar aquele olhar no momento em que estão todos fechados sobre si mesmos.

Há alguns anos atrás perdi quatro dedos da mão direita num acidente; tinha vinte e três anos e uma data de sonhos e de projectos a realizar e a maior parte não foi para a frente precisamente por causa desta coisa. Tive uma pega com Jesus, porque era o

único que talvez me podia escutar e dar-me uma razão daquilo que me tinha acontecido, e continuava a perguntar-me todos os dias porquê, porquê a mim. Comecei a deixar de ir à igreja e a ter relutância em relação a tudo o que era de Igreja, cortei com tudo; estava convencido que Jesus me tivesse reservado uma vida de série B, e dizia: “Provavelmente para mim tinha pensado uma vida de série B”. Depois um belo dia encontro um amigo que me convida para umas férias, eu disse que sim porque estava convencido que era capaz de ir lá e demonstrar que ele se enganava, que nem todos estão destinados a ser felizes.

Já não é nada mau que uma pessoa vá para umas férias assim, com uma hipótese de trabalho, e não no tapete rolante: uma pessoa vai para tentar demonstrar aos outros que se enganam. E o que é que aconteceu?

Fiquei lá sozinho três dias. Depois quando voltei dei-me conta de que começava a procurar as pessoas que eu tinha conhecido, começava a telefonar-lhes, não consegui estar sem elas, e assim começou a Escola de comunidade, que não fazia a mínima ideia o que era. Comecei simplesmente a seguir e a olhar para os sinais; diziam-me: “Segue e olha para os sinais”. Mas, há uns tempos aconteceu uma coisa, aconteceu que os sinais mudam porque os sinais para mim são as pessoas e as pessoas às vezes mudam, podem ser mais ou menos frágeis porque também eu sou assim, e eu fico confundido quando mudam e eu já não sei para onde olhar. De facto começou um período negro, onde começo a pensar e a desejar voltar à minha vida de série B: se calhar afinal não era assim tão má. Mas desta vez a diferença...

E porque é que não fazes isso?

Não consigo.

Porquê?

Não consigo porque posso pôr em questão as pessoas e a mim próprio, mas não o que vi, porque o que eu vi é verdadeiro.

E então?

E então mexo-me, tento fazer a única coisa que consigo fazer: pedir; e numa noite peço para encontrar um amigo para lhe contar; o meu propósito é ir lá e contar-lhe, explicar-lhe, dar-lhe esclarecimentos, dizer-lhe... E no entanto quando chego lá não consigo dizer nada porque me sinto abraçado; não é um abraço físico, mas é um abraço que para mim é um juízo: que eu sou amado. A mim, no fundo, só me interessava isso, que alguém me olhasse tal como sou, com toda a minha miséria e com todos os disparates que fiz. E assim decido fazer também os Exercícios aos quais não queria ir. E aí, na primeira noite dos Exercícios, dou comigo a não olhar para quem está ao meu redor, dou comigo simplesmente a pensar: “Eu só desejo que estejam cá todos pelas mesma coisa”. Dou um exemplo do que aconteceu a seguir. Eu trabalho numa cooperativa que faz manutenção; fomos chamados para uma intervenção em casa de um senhor de idade, chegámos lá e a casa está toda suja, ele está todo sujo com a barba comprida, os trabalhadores não podem intervir porque ele está mesmo completamente sujo e eu não posso fazer mais nada. Mas nesse instante fico dois minutos a falar com ele que me conta um pouco da sua vida; eu digo-lhe: “Olhe, a única ideia que tenho para si é que amanhã ou depois de amanhã podemos limpar-lhe a casa e então talvez se possa fazer a intervenção”. Volto uns dias depois e está tudo na

mesma, mas há um pormenor que me comove imenso: este senhor fez a barba e eu comovi-me imenso com isso, porque vi como que um gesto de ternura que eu desejo para mim. A minha pergunta era esta: quando os sinais mudam, o que posso fazer para que não aconteça um regresso à série B?

E porque te preocupas com isso? Foste tu que geraste este homem que faz a barba? Jesus trata disso, porque te preocupas? Nós preocupamo-nos com aquilo que não nos devemos preocupar; foste tu que descobriste os que te tinham impressionado no princípio das férias?

Não.

Foste tu que geraste aquilo que encontraste nos Exercícios? Tu deves começar a olhar para aquilo que disseste: “Aquilo que vi é verdadeiro”. Os sinais podem mudar, mas aquilo que vi é verdadeiro, e isto é decisivo. Porquê? Porque é precisamente isso que permanece quando mudam os sinais. Porquê? Porque é uma coisa que aconteceu, e tu estás já diferente a partir do momento em que viste, e viste-o para sempre; depois pode acontecer tudo, mas tu já estás constituído por aquilo que viste. A verdade não é algo que tu afirmas, mas algo que aconteceu em ti. De facto, ainda que os outros se vão embora, quando te pergunto: “Porque não vais também? Porque não te foste embora também?”, tu respondes-me, convencido: “Porque aquilo que vi é verdadeiro”.

Verdadeiro, ou seja, real. Isto é o que interessa, do resto trata o Senhor; nós às vezes preocupamo-nos com coisas com as quais não nos devíamos preocupar; preocupa-se Ele com o permanecer contemporâneo a nós segundo uma modalidade que nós não podemos prever, mas que tu podes reconhecer testemunhada através de uma diversidade de rostos que te fazem rever aquilo que viste. Obrigado.

Há uma passagem que me tinha impressionado muito nos Exercícios, ainda na página 8: “Cada um de nós pode ajuizar o trabalho deste ano e verificar em que medida é que esta novidade entrou na raiz do próprio eu. [...] Não são os nossos pensamentos, não é uma questão de opiniões, de interpretações: se Cristo entrou como novidade na raiz do nosso eu e determina tudo de um modo novo, nós trazemos isso connosco no modo de vivermos o real”. Tu dirigias estas palavras a pessoas empenhadas no seguimento da proposta que nos fizemos. Queria contar a surpresa daquilo que me aconteceu em relação à ida a Roma. Quando foi proposta a peregrinação a Roma tinha aderido imediatamente, cheio de entusiasmo: “Que coisa bonita, vai o Movimento, os amigos”... Mas da última vez disseste que não íamos porque o Papa precise de nós mas porque precisamos daquela testemunha. Aquela frase entrou dentro de mim e mudou totalmente, dia após dia, à medida que aquele momento de aproximava, a modalidade de adesão, porque tinha já decidido ir com os amigos, mas de repente foi como se percebesse que aquele gesto era a ocasião para mim, para o meu coração, para mais uma vez fazer a experiência da relação com Cristo ressuscitado, realmente. Então foi mesmo um esperar estar ali com o seu povo, sinal de Cristo ressuscitado, diante do Papa para poder provar a correspondência. Isto impressiona-me porque não há dúvida que isto mudou o modo de viver o real, porque fomos com a família, coisa que há um tempo jamais teria feito (até com o recém-nascido que é uma complicação enorme), foi extremamente cansativo, e no entanto tudo foi determinado por uma espera e portanto

por uma Letícia, por um olhar novo, foi o saborear a beleza... A uma dada altura introduziu-se uma mudança pela qual a espera que Cristo viesse mais uma vez alegrar o coração mudou totalmente o modo de viver aqueles dois dias. A última coisa que quero dizer e que me surpreendeu foi a comoção do Papa, que se tornou na minha diante de Cristo.

Obrigado. O gesto da peregrinação a Roma foi um dos gestos educativos mais importantes que fizemos, porque fizemos juntos um caminho que nos permitiu aprofundar a razão até chegar a este juízo. À medida que vinham ao de cima as dificuldades, também eu fui obrigado a responder-me e por isso tive a possibilidade de aprofundar, antes de mais eu, toda a dimensão daquilo que estávamos a fazer para ajudar-nos a todos. Mas quero dizer outra coisa, porque é que é educativo um gesto deste tipo? Tantas vezes nos fazemos a pergunta: eu tenho intenção de seguir ou sigo? Cada um tem diante o que fez em relação a Roma, tendo sempre presente, como é natural, as circunstâncias inevitáveis que são aquelas que o Senhor nos dá. Lembrando aquilo que diz Giussani, um facto tem a sua inevitabilidade, pôr diante de todos um facto, uma proposta deste género com as razões que demos, fez-nos a todos tomar uma decisão, não houve qualquer ambiguidade. Fomos ou ficámos (agora deixo de fora as pessoas que ficaram em casa por um motivo justo e não vou definir isto), cada um viu-se em acção e isto é decisivo. Eu não quero censurar ninguém, mas quero ajudar-nos a perceber que através destes gestos o Movimento oferece a todos a possibilidade de uma verificação do que é o cristianismo. Se não fosse assim, ficaríamos constantemente na interpretação, ou na dúvida se estamos a seguir ou não estamos a seguir. Aqui cada um, exactamente pela natureza da proposta, pôde verificar a fé, o que fez, como é que usou esta ocasião e pode ver como jogou. Esta é a ajuda que nos damos para sair da ambiguidade e tornar a estrada mais clara.

Continua a espantar-me a consonância entre a Escola de Comunidade e a minha vida, especialmente pela experiência recente, no Norte da Europa, da doença e morte de uma pessoa que me era muito querida. O que me custou mais nesta circunstância foi ver esta pessoa amada sofrer e morrer sem o conforto dos Sacramentos, por causa da mentalidade laicista que impera nestes países, uma mentalidade que marginalizou verdadeiramente Cristo da vida. Deixo que seja Péguy, que tu citas na página 7 dos Exercícios, a contar aquilo que vi com os meus olhos. «Pela primeira vez, pela primeira vez depois de Jesus, nós vimos, diante dos nossos olhos, nós estamos para ver, um novo mundo surgir, ou pelo menos uma cidade, uma sociedade nova a formar-se, ou pelo menos uma cidade, a sociedade moderna, o mundo moderno; um mundo, uma sociedade a constituir-se, ou pelo menos reunir-se, (nascer e) engrandecer, depois de Jesus, sem Jesus. E o que é mais tremendo, meu amigo, não é preciso negá-lo, é que conseguiram. [...] É o que vos põe numa situação trágica, única». Esta circunstância foi para mim uma grande ocasião de verificação da minha fé. Tomei consciência, de facto, que o Mistério me estava a convocar através desta realidade, que tinha entre as mãos uma oportunidade única para arriscar na realidade, para testemunhar onde se apoia a minha esperança. Escolho contar-te só um pequeno episódio, mas muito eloquente, graças ao qual fui protagonista, ou seja, mendicante. Para a missa do

funeral desta pessoa querida foi-me pedido para fazer a oração dos fiéis e exactamente no momento em que estava a desencadear-se em Itália e na Europa o ataque ao Papa, através do escândalo dos padres pedófilos, uma das orações que propus foi exactamente pelo Papa, pelos bispos e sacerdotes. Esta oração foi-me barrada com um marcador preto e foi-me dito que não devia recitá-la, que não era caso para isso, mas eu recitei-a na mesma, aliás, já que ali estava, juntei também pelo movimento Comunhão e Libertação e por don Julian Carrón (desculpa se mo permiti). Poderia contar outros exemplos, mas fico por este por um dever de síntese. A hostilidade desta circunstância aguçou o meu desejo e o meu pedido, fazendo-me perceber mais a pertinência da fé às exigências da minha vida, a sua razoabilidade e a sua necessidade existencial – eu tenho necessidade de Cristo. A maior desgraça que nos pode acontecer não é a doença e nem sequer a morte, mas é a ausência d'Ele. Por isso o gesto do Regina Coeli do Papa para mim foi perfeitamente razoável, estava cheia de razões, era um gesto correspondente. A minha adesão àquele gestos era totalmente consciente porque sustentada pela experiência que tinha acabado de viver. Pergunto: é esta a dignidade cultural da fé?

Claro que é essa a dignidade cultural da fé. Só alguém que se dá conta de qual é a situação (como foi descrita por Péguy) pode perceber a razão de termos ido a Roma, não foi uma mania de um qualquer.

Porque eu intuo que ir a fundo da dignidade cultural da fé, para mim, é fundamental para responder até ao fim àquilo a que sou chamada.

Se não percebemos a situação, não vemos a razoabilidade de um gesto assim e não percebemos que nós vamos para permanecer agarrados à única rocha que nos mantém ligados a Cristo, única esperança. Contava-me um amigo, a propósito de Roma, um diálogo que don Giussani teria tido com João Paulo II em que este dizia: «Don Giussani, o problema é a verdade» e Don Giussani respondeu-lhe: «Santidade, permita-me, o problema é Pedro», porque a verdade sem a ligação com o seu enraizamento histórico evapora-se, desaparece fragmentada em mil opiniões. Pelo menos esta consciência devemos tê-la – quer tenhamos ido a Roma ou não – todo o movimento ganhou uma consciência: no dia em que perdermos esta ligação estamos no pântano. Como me dizia uma pessoa esta manhã: esta relação com Pedro está ligada ao carisma que nos ensinou a olhar assim o valor de Pedro, porque sem isto também nós seríamos como tantos outros.

Eu queria brevemente fazer uma constatação e pôr uma pergunta. A constatação muito simples refere-se àquilo que tu dizias na sexta-feira à noite nos Exercícios: «Quando volta a acontecer o encontro acontece qualquer coisa e então metes-te ao trabalho». Eu, por motivos de trabalho, ando pelo mundo inteiro e já o faço pelo menos há quinze anos. Até há alguns meses levava sempre comigo a Escola de Comunidade, fosse a que fosse, mas nunca fiz, na ida estava muito ocupado a preparar as reuniões, no regresso estava demasiado cansado, tinha de descansar. Agora, há uma novidade que me pôs em movimento, que é vir aqui à Escola de comunidade e por graça, ter feito tantos encontros decisivos sobretudo no ano passado. Este, por exemplo, especificamente está a tornar a Escola de comunidade tão interessante que na ida não há reunião mais importante do que os dez minutos de Escola de comunidade e no regresso nunca estou tão cansado que lhes falte. Nisto, além do mais, descubro que a Escola de comunidade me acompanha tanto na quotidianidade, que é descoberta do Mistério presente na minha vida na concreteza do dia. Esta é a constatação. Já a pergunta diz respeito à lição de sábado de manhã e é sobre a questão da provocação do real e do sinal. O Don Giuss diz que para o cristão

compenetrado da consciência da presença de Cristo, todas as coisas são sinal. Ora, a experiência que eu faço é que as circunstâncias às vezes são contraditórias ou fazem desviar do caminho, às vezes contraditórias e que te fazem desviar do caminho ao mesmo tempo ou pelo menos parecem-me assim e então eu faço isto: afasto-me, penso onde é que para mim aquilo que vi não foi assim e onde é que se me mostrou a presença do Mistério. A questão é que não consigo apreender o Mistério dentro de determinadas circunstâncias e isto é muito frequente. A pergunta é: esta é uma condição que não posso eliminar da minha relação com o real ou é um defeito de posição, de olhar?

Tu não podes evitar encontrar-te diante destas circunstâncias. O problema é que nós catalogamos as circunstâncias: aquelas que têm dentro o Mistério e aquelas que não o têm, nós distinguimos aquelas que são sinal daquelas que não são sinal. Mas esta é uma distinção que eu não fiz na lição. Eu disse: “tudo é sinal”. Este é o desafio! Relanço-vos a questão. Começamos a olhar tudo assim, porque eu digo-te: é verdade ou não é verdade que diante de uma circunstância contraditória ou diante de uma doença te emerge muito mais potentemente a pergunta que te remete para além? Para negar isto temos de separar-nos da experiência – quanto mais é contraditória a realidade aos nossos olhos, tanto mais nos interrogamos: «Mas porque é que sofri esta injustiça? Porquê?» ou não? Só se existe o acontecimento cristão, se eu olho tudo assim, posso estar diante da realidade sem distinguir. A única coisa que me devo perguntar verdadeiramente é: «Mas como é que Jesus se vai desenrascar nesta circunstância para levar-me à felicidade que me prometeu? Como é que se revelará aqui?». Se eu tenho esta certeza, também esta ocasião se revelará segundo um desígnio que não é o nosso e no tempo e de um modo que nós não conhecemos Cristo revelar-se-á gloriosamente. Quantas vezes nos aconteceu na vida?

Queria pedir uma ajuda sobre a última passagem que fizeste no fim do primeiro ponto, quando respondes à pergunta: «Porque é que o encontro agarra assim o eu?» Nos Exercícios não me tinha apercebido, mas quando reli o livro reconheci que já tinhas feito esta passagem na Assembleia de Responsáveis do verão passado e eu, na altura tinha-a lido e relido e relido, mas tinha-me ficado obscura. Tu dizias, citando Giussani, que «esta realidade excepcional agarra tão potentemente o eu [...] pela consciência da correspondência entre o significado do Facto em que embatemos e o significado da própria existência». Eu desta vez, para percebê-lo, perguntei-me o que é que me tinha acontecido da última vez em que tinha embatido nesta presença excepcional e foi inevitável pensar em Roma quando encontrámos o Papa. Que género de correspondência vivi? Eu estava debaixo das arcadas e não se ouvia muito bem. Do que o Papa disse eu só ouvi duas frases, que, no entanto, nunca esquecerei, e depois aquele “obrigado” repetido várias vezes e aqueles braços abertos mesmo como um abraço, um abraço verdadeiro a todos nós, um abraço a mim. E é este o ponto: a correspondência para mim foi que aquelas únicas duas frases que ouvi, aquele obrigado e aquele abraço eram para mim. Antes eu não poderia saber que iriam acontecer estas coisas, mas eram para mim, eram aquilo de que eu tinha necessidade, de tal forma que me perguntei: «Mas quem és Tu que sabes melhor do que eu aquilo de que tenho necessidade?». Voltei de Roma cheia de letícia e assim que tenho oportunidade digo a todos, a quem foi e a quem não foi, como foi belo. Uma noite em que estava a ralhar com os meus filhos por tudo aquilo que não fazem, veio-me à cabeça o abraço do Papa e parei. Desejo perceber se aquela consciência da correspondência entre o significado do Facto em que embatemos e o significado da própria existência, de que fala

Giussani, é reconhecer que aquilo que acontece é de tal forma para mim que me fala do Mistério.

Certo. É isso. Vamos ler este parágrafo clamoroso de *Educar É um Risco*, citado na p. 129: «O encontro com um facto objectivo, originalmente independente da pessoa [...] adequa a agudeza do olhar humano à realidade excepcional que o provoca. É o que se chama a *graça da fé*». Este encontro é uma coisa independente, não criada por mim: embato nesta realidade independentemente de mim. Mas esse sinal é tão excepcional que tem dentro dele todo o Mistério. Tomemos um episódio do Evangelho muito esclarecedor. Tentaram pescar durante a noite inteira, não apanharam nada, chega Jesus e diz: «Lancem as redes»; os peixes são tantos que não dão conta deles. Deparam-se com uma superabundância tão real, tornada possível por aquele Homem, de tal maneira que Pedro se põe de joelhos diante de Jesus: «Senhor, afasta-te de mim que sou um homem pecador!»; o Mistério estava ali aos olhos deles, numa superabundância que exigia alargar o olhar para poderem abranger tudo quanto estava ali implicado. É esta correspondência que o homem espera: um abraço assim – dizíamos antes –, um olhar assim, absolutamente maior que o abraço de que eu sou capaz. Tanto assim é que se começa a ver a diferença entre o olhar para mim mesmo como eu olharia e olhar para mim como Deus me olha. O que significa olhar-me como Deus me olha? Olhar com este mais, com esta intensidade, com esta capacidade de abraçar tudo: é esta excepcionalidade que se dá no acontecimento cristão, que passa pela carne e pelo olhar de alguém mas é de tal maneira superabundante que aumenta a acuidade do olhar humano para a realidade que tem diante de si. E isto é fundamental para poder ver de maneira diferente o real. Dirigindo-se ao Conselho Pontifício para os Leigos na semana passada, o Papa disse que «o contributo dos cristãos na política e na cultura só é decisivo se a inteligência da fé se tornar inteligência da realidade» (21-5-2010). Isto é, se o que acontece aumenta tanto a minha capacidade de compreender a realidade, de penetrar no real, que sou capaz de compreender a realidade até ao fundo. Se isto não se torna estável e habitual em nós o nosso contributo é nulo! Vemos a realidade como toda a gente, trabalhamos como toda a gente, realizamos obras como toda a gente; e depois metemos-lhe o selozinho por cima, mas isso não altera a mentalidade, não altera o olhar, não altera nada. O trabalho dos Exercícios é para isto, para que o acontecimento da fé se converta em inteligência nova da realidade; caso contrário a nossa diferença cultural é nula.

Há uns dias voltei ao serviço e havia um dos nossos doentes que estava a morrer. No momento da mudança de turno faço algumas perguntas aos meus colegas e percebo, pelas suas respostas vagas, que não entravam no quarto deste doente havia umas horas (tanto mais que no quarto estava a mulher dele, pelo que, se tivesse morrido, a mulher teria chamado). O facto é que acaba a mudança de turno, os colegas da noite vão para casa e naquele quarto ouve-se a campainha. Nesse instante deu-se uma debandada geral, no sentido de que subitamente toda a gente tinha outras coisas que fazer.

Atenção: debandada geral. Este é o teste. Estavam lá todos juntos, eram todos profissionais, todos em equipa, mas quando se ouve a campainha porque alguém está para morrer é a debandada. Esta é a verificação da companhia, um facto como este diz,

mais do que todas as palavras, o que nos faz verdadeiramente companhia quando soa a campainha porque alguém está a morrer.

Nesse momento eu até percebi os meus colegas, no sentido de que quando um homem está a morrer deve haver qualquer coisa que te permita fazer-lhe face; e a mim impressionou-me porque naquele instante eu fui capaz de entrar naquele quarto porque sabia onde aquele homem ia acabar, que Cristo ressuscitou. E isso para mim foi um embate como de alguma coisa que aconteceu, uma coisa não definível por mim, mas me definia: um juízo. Depois disto passam umas horas e a certa altura, a meio da manhã, vem uma colega chamar-me dizendo: «Olha, o doente está a chamar por ti»; eu comecei por ficar um bocado irritada e pensava: «Tem lá a mulher dele, o que quererá de mim? A mulher dele foi quem esteve durante quarenta anos com ele, que mais poderá querer?». Quando entrei – foi poucas horas antes de morrer – tinha ainda uma réstia de consciência e disse-me: «Não te vás embora». Fiquei sinceramente desconcertada, porque para aquele homem nesse instante eu era indivisível do destino último. Pensei para mim: «Cristo, Tu possuis-me até este ponto?». A coisa mais real naquele instante era esta posse.

Uma pessoa que está a morrer sabe quem é que realmente a acompanha, e chama por ela. Pode não ser a mulher com quem partilhou tudo, mas chama por quem pode verdadeiramente acompanhá-lo à outra margem. E porque pode acompanhá-lo? O que é que tinha intuído nela para chamá-la entre as muitas pessoas que circulam no hospital? O que é que tinha intuído? O que é que ela trazia? O que é que nós trazemos? O outro percebe-o muito bem, chama precisamente por ela para atravessar a escuridão da morte. E porque pode ela fazê-lo? Aqui se compreende verdadeiramente qual é o nosso contributo para o mundo: por um lado, um que chama por ela e, por outro, ela que entra. Nestes momentos vem ao de cima o valor do nosso “sim” a Cristo; quando nós dizemos “sim” a Cristo não nos damos conta do valor deste “sim” para o mundo. Nestes momentos parece claro que aquilo de que os homens necessitam é precisamente isso, e então o valor do “sim” adquire todo o seu alcance; sem dizer “sim” a Cristo como ela fez, ela não teria sido capaz de entrar na escuridão, também ela teria fugido. E nesse momento percebe-se o que é Cristo para cada um: se Cristo tomou posse de mim – não porque eu seja melhor ou porque eu tenha mais energia ou mais capacidade, não é isso – isso permite-me entrar. O que todos esperam de nós é poder encontrar alguém assim, em quem continua a suceder aquilo que Jesus introduziu na história, como disse muitíssimo bem o Papa no espectacular texto em Turim, diante do Sudário: «O Sábado Santo é a "terra de ninguém" entre a morte e a ressurreição, mas nesta "terra de ninguém" entrou Um, o Único, que a atravessou com os sinais da sua Paixão pelo homem: "*Passio Christi. Passio hominis*". O Sudário fala-nos precisamente deste momento, está a testemunhar aquele intervalo único e irrepetível na história da humanidade e do universo, no qual Deus, em Jesus Cristo, partilhou não só o nosso morrer, mas inclusive o nosso permanecer na morte. A solidariedade mais radical. Naquele "tempo-além-do-tempo" Jesus Cristo "desceu à mansão dos mortos". O que significa esta expressão? Quer dizer que Deus, feito homem, chegou até ao ponto de entrar na solidão extrema e absoluta do homem, onde não chega raio de amor algum, onde reina o abandono total sem palavra de conforto alguma: "mansão dos mortos". Jesus Cristo, permanecendo na

morte, ultrapassou a porta desta solidão última para nos guiar também a nós a ultrapassá-la com Ele. Todos nós sentimos algumas vezes uma sensação assustadora de abandono, e o que mais nos assusta é precisamente isto, como quando somos crianças, temos medo de estar sozinhos no escuro e só a presença de uma pessoa que nos ama pode dar-nos segurança. Aconteceu exactamente isto no Sábado Santo: no reino da morte ressoou a voz de Deus. Sucedeu o impensável: ou seja, que o Amor penetrou "na mansão dos mortos": também no escuro extremo da solidão humana mais absoluta nós podemos escutar uma voz que nos chama e encontrar alguém que nos pega pela mão e nos conduz para fora. O ser humano vive porque é amado e pode amar; e se até no espaço da morte penetrou o amor, então também lá chegou a vida. Na hora da extrema solidão nunca estaremos sozinhos: "*Passio Christi. Passio hominis*".

Este é o mistério do Sábado Santo! Exactamente da escuridão da morte do Filho de Deus brilhou a luz de uma esperança nova: a luz da Ressurreição» (2-5-2010). Por isso é que nós podemos entrar em qualquer escuridão. Nós podemos fazer um caminho que nos liga tanto a Ele, faz-nos tanto ser uma só coisa com Ele, que sem medo podemos atravessar qualquer escuridão. Esta é a finalidade do trabalho que temos entre mãos. A ida a Roma a 16 de Maio foi um gesto educativo para todos; o facto de ter acontecido no meio de tantas situações já fixadas ou previstas obrigou-nos a procurar a razão adequada para decidir ir ou não, portanto obrigou-nos a usar a razão e a liberdade. Isso fez-nos crescer na consciência das razões propostas pelo Movimento e levou-nos a estar na praça de São Pedro com uma consciência mais clara de nós próprios, como todos vocês relataram – é evidente o salto da última vez para esta. É uma consciência assim que faz da nossa presença uma presença, porque todos estávamos lá com a razão clara desta presença diante do mundo; e quando temos consciência das razões que nos fazem ser verdadeiramente presença, o Movimento tem uma força absolutamente única e todo o clima à nossa volta não tem poder sobre nós. A própria modalidade com que participámos no gesto foi a de servir a Igreja, e isto aponta, em primeiro lugar para nós, o caminho.

Procissão do Corpo de Deus. Como já referi no ano passado, a participação de todos na procissão do Corpo de Deus – um gesto simples, uma presença diante de todos com a Eucaristia –, feita nas dioceses de cada um, com o bispo à cabeça, tem um valor educativo, é uma proposta que nos ajuda a ter uma maior consciência da nossa pertença a Cristo e à Igreja inteira. Para a diocese de Milão esta procissão é na quinta-feira 3 de Junho às 20 horas; há a Santa Missa na igreja de San Carlo al Corso, na Praça de San Carlo, e no final a procissão eucarística de San Carlo até à Catedral.

Peregrinação Macerata-Loreto. É um gesto simples de pedido. Realiza-se no sábado 12 de Junho. É um gesto que todos conhecemos: vamos para exprimir pela oração a necessidade que temos, a premência, o pedido, o clamor, para pedir que em todas as circunstâncias da vida Cristo nos acompanhe. A oração cristã não é para nós uma “devoção” mas memória, pedido e memória, reconhecimento de uma Presença cujos traços inconfundíveis conheço porque está em acção.

□ *Glória.*